

“DESAFIO POLIAMOROSO: POR UMA NOVA POLÍTICA DOS AFETOS”, BRIGITTE VASALLO

Vasallo, Brigitte (2022). *O Desafio Poliamoroso: por uma nova política dos afetos*. Trad. Mari Bastos. São Paulo: Elefante.

GABRIELLA
MORENA DA SILVA
SEIXAS

De acordo com o Google Trends, uma ferramenta que monitora as buscas feitas na plataforma, as pesquisas ao termo “não monogamia” cresceram continuamente nos últimos 10 anos, e com maior intensidade a partir de 2019¹. Os dados revelam também que, entre os anos de 2021 e 2023, os primeiros da pandemia de Covid-19, a busca pelo tema no Brasil aumentou quatro vezes, deixando o país no terceiro lugar mundial entre os que mais procuram o assunto no Google, atrás apenas da Austrália e do Canadá². Algumas das principais perguntas sobre o tema são: “O que é não monogamia?”, “Como saber se sou não monogâmica?”, “O que é monogamia?” e “Como aceitar um relacionamento não monogâmico?”

Como psicóloga e terapeuta de família/casal/relacional, fico pensando em como perguntas parecidas com essas chegam cada vez mais nos atendimentos no consultório, nas mudanças que elas trazem para a Terapia Familiar e na importante interface entre o social e a clínica para refletir sobre temas como esses. O livro “Desafio poliamoroso: por uma nova política dos afetos”, da espanhola Brigitte Vasallo, aponta caminhos que ampliam os diálogos com base nessas questões.

A obra foi lançada no Brasil em 2022 e se propõe um trabalho diferente de alguns tantos escritos sobre o tema que se detém ou em convencer as/os leitoras/es sobre os benefícios (por assim dizer) da não monogamia, ou em listar uma espécie de guia de regras do que se pode ou não num relacionamento não monogâmico. O trabalho da escritora é valioso também para terapeutas que atendem famílias, casais e outras configurações relacionais, pois nos traz uma investigação histórica e política sobre a centralidade e normatização da monogamia em nossa sociedade, apoiando-nos primeiramente na sua identificação e também na reflexão sobre ela como um sistema, ao invés de apresentá-la apenas como uma prática natural, biológica ou intrínseca.

Naturalizar a monogamia é não vê-la como um sistema que organiza mais do que subjetividades e relações, mas também o Estado-nação que, através de inúmeros dispositivos (institucionais e psicológicos), produz exclusão e estigmatização de diversas e variadas formas de se criar e viver vínculos afetivos, românticos e sexuais. Ou seja, impede que sejam reconhecidas e tenham proteção outros tantos modos de pessoas viverem em comunidade e partilharem cuidados mútuos. Dessa forma, podemos refletir que aquilo que na clínica familiar chamamos de “novas configurações familiares” está sempre restrito ao que o sistema monogâmico reconhece como família. A própria história da Terapia Familiar pensa a família sob uma ótica normativa, colonizadora, reprodutora de papéis específicos entre homens e mulheres. Divórcios, recasamentos, famílias alargadas, monoparentais, recompostas,

Instituto Noos,
São Paulo, SP, Brasil

¹ Fonte: Google Trends
<https://trends.google.com/trends/explore?date=all&q=n%C3%A3o%20monogamia&hl=pt>

² Fonte: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/07/09/o-que-e-nao-monogamia-brasil-e-3o-pais-que-mais-busca-termo-no-google-atras- apenas-da-australia-e-do-canada.ghml>

homossexuais e outras ainda são configurações que se fundamentam em torno do casal composto por duas pessoas, mesmo que sua união tenha se desfeito.

Brigitte Vasallo considera a monogamia como um sistema de hierarquização que promove relações reprodutivas e, quando reflete sobre um período pré-monogâmico e sobre a história do casamento, partilha interessantes perguntas: “Em quais momentos históricos houve formas socialmente aceitas de práticas sexuais não reprodutivas? Em quais momentos essas práticas foram penalizadas? Quais condições históricas existem em tempos de repressão?” A autora se questiona ainda sobre

a existência de comunidades não sanguíneas que funcionem como núcleo da vida: ou seja, “famílias” sem vínculos sanguíneos e sem a reprodução como objetivo. Existiram estas comunidades? Quando e quais condições de vida levaram sua existência? Quando foram penalizadas estas comunidades? As possibilidades para começar este rastreamento são, sem dúvida, muito mais amplas, mas talvez essas duas possam nos dar uma visão que rompa com o simplismo de questionar se a fidelidade sexual é natural ou não, o debate no qual parece que estamos encalhadas eternamente e que não propõe, em nenhum caso, respostas políticas sobre nossas existências. (Vassalo, 2022, p. 102)

A partir de perspectivas feministas e antirracistas, o livro nos ajuda a extrapolar a noção de que poliamor se trata da quantidade de vínculos sexuais e afetivos, onde normalmente se centralizam conversas sobre o tema, e aponta a necessidade de pensar a dinâmica desses vínculos, como foram formados e como se reproduzem as lógicas de opressão e de privilégios a partir do capitalismo e do patriarcado. Como a monogamia é estrutural, os acordos são implícitos e as dinâmicas das relações podem silenciar desejos e necessidades que não encontram espaço e legitimidade para serem compartilhadas.

Este trabalho nos ajuda, e muito, a refletir também sobre a clínica e a seguir fazendo perguntas cada vez mais curiosas sobre como recebemos casais, famílias e outras relações em nossos consultórios. O que naturalizamos? O que estranhamos? O que nos parece familiar? O que chama nossa atenção? Trabalhando com relações monogâmicas ou não, esse livro amplia o entendimento sobre a possibilidade de construção de vínculos mais amorosos e honestos.

REFERÊNCIA

Vasallo, Brigitte (2022). *O Desafio Poliamoroso: por uma nova política dos afetos*. Trad. Mari Bastos. São Paulo: Elefante.

GABRIELLA MORENA DA SILVA SEIXAS

Mestre em Família e Gênero (ISCSP - Universidade de Lisboa), Psicóloga, terapeuta de família/casal/relacional, Integrante da Direção da Casa do Brasil de Lisboa (2022-2024).

<https://orcid.org/0000-0003-2346-1099>

gabriella.psi@gmail.com